

TRILOGIA DAS JOIAS NEGRAS – LIVRO DOIS

A HERDEIRA DAS SOMBRAS



ANNE
BISHOP



Saetan se deteve a alguns centímetros de Jaenelle. Os olhos azul-safira encontraram os dele no espelho, e Saetan teve de se esforçar para manter uma expressão indiferente. Aqueles olhos. Límpidos e selvagens e perigosos antes de vestir a máscara de humanidade. E era uma máscara. Não era como a dissimulação a que se dedicava quando criança para manter em segredo o fato de ser uma feiticeira. Era um esforço deliberado para ser, simplesmente, humana. E isso o assustava.

manifesto da coleção bang!

Este é o nosso compromisso com você:

*Queremos ser a melhor coleção de
literatura fantástica do Brasil.*

*Vamos publicar apenas os grandes
livros dos grandes autores.*

*Todas as obras são válidas, desde que
ignorem as limitações do realismo.*

Queremos mexer com a sua cabeça.

Mas um click não basta.

É preciso um Bang!

a herdeira das sombras



RESUMO DE PERSONAGENS

PROTAGONISTAS

Jaenelle Angelline é a personagem principal, uma menina de doze anos destinada a se tornar a Rainha das Trevas, também conhecida simplesmente como “Feiticeira”.

Daemon Sadi (SaDiablo) é filho de Saetan e Tera. Assim como o pai e o irmão, é um Príncipe dos Senhores da Guerra. Escravo sexual nas cortes de Dorothea e de rainhas corrompidas por ela, também é conhecido como “Sádico”. É o macho mais forte na história dos Sangue.

Saetan Daemon SaDiablo é o Senhor Supremo do Inferno, Sacerdote Supremo da Ampulheta e Príncipe da Guerra de Dhemlan. É pai de Daemon e Lucivar. Depois de Daemon, é o macho mais forte dos Sangue.

Lucivar Yaslana (SaDiablo) é filho de Saetan e Luthvian, uma eriena. Assim como o irmão, Daemon, foi escravizado quando adolescente e forçado a servir nas cortes de Dorothea e suas seguidoras. Por conta do temperamento explosivo, é enviado para as minas de sal de Pruul. É o terceiro macho mais forte dos reinos.

Surreal SaDiablo é uma prostituta assassina e filha de Titian.

Dorothea SaDiablo é a incestuosa Sacerdotisa Suprema de Hayll. Faz parte da assembleia da Ampulheta, formada por Viúvas Negras.

Kartane SaDiablo é filho de Dorothea SaDiablo. Em outros tempos, foi amigo íntimo de Daemon, seu primo.

Hekatah, instigadora das guerras entre Kaeleer e Terreille, é uma demônia-morta que se autoproclama Sacerdotisa Suprema do Inferno. É ex-mulher de Saetan SaDiablo e mãe de Mephis e Peyton.

Robert Benedict alega ser o pai de Jaenelle Angelline. Dirige o hospital conhecido como Briarwood. É ainda um membro influente do conselho dos machos de Chaillot.

JOIAS

Branca
Amarela
Olho de Tigre
Rosa
Azul-Celeste
Violeta
Opala¹
Verde
Azul-Safira
Vermelha
Cinza
Cinza-Ébano
Negra

Ao fazer a Oferenda às Trevas, uma pessoa pode descer no máximo três categorias em relação à sua Joia de Direito por Progenitura.

Exemplo: A Branca de Direito por Progenitura pode descer até a Rosa.

¹ Opala é a linha divisória entre Joias mais claras e escuras, uma vez que pode ser ambas.

HIERARQUIA DOS SANGUE / CASTAS

MACHOS

PLEBEUS — em qualquer das raças, os que não fazem parte dos Sangue.

MACHO DOS SANGUE — termo geral para todos os machos dos Sangue; designa também todos os machos dos Sangue que não usam Joias.

SENHOR DA GUERRA — macho que usa Joias, de status equivalente ao de feiticeira.

PRÍNCIPE — macho que usa Joias, de status equivalente ao de Sacerdotisa ou Curandeira.

PRÍNCIPE DOS SENHORES DA GUERRA — macho que usa Joias perigoso e extremamente agressivo; na hierarquia, está ligeiramente abaixo da Rainha.

FÊMEAS

PLEBEIAS — em qualquer das raças, as que não fazem parte dos Sangue.

FÊMEA DOS SANGUE — termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; designa também todas as fêmeas dos Sangue que não usam Joias.

FEITICEIRA — fêmea dos Sangue que usa Joias mas que não está em nenhum dos outros níveis hierárquicos; designa também qualquer fêmea que use Joias.

CURANDEIRA — feiticeira que cura ferimentos e doenças físicas, de status equivalente ao de Sacerdotisa e Príncipe.

SACERDOTISA — feiticeira que zela pelos altares, Santuários e Altares das Trevas; testemunha juras e casamentos; faz oferendas; de status equivalente ao de Curandeira e Príncipe.

VIÚVA NEGRA — feiticeira que cura as mentes; tece as teias emaranhadas de sonhos e visões; é versada em ilusões e venenos.

RAINHA — feiticeira que rege os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; logo, é o ponto central da sociedade.

PRÓLOGO

Kaeleer

O Conselho das Trevas voltou a se reunir. Andulvar Yaslana, demônio-morto e Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra, dobrou as asas negras e avaliou os outros membros do Conselho, sem gostar do que via. À exceção da Magistrada, que era obrigada a assistir, eram necessários apenas dois terços dos membros em cada sessão para que fossem ouvidas as petições ou julgadas as disputas entre os Sangue em Kaeleer que não houvessem sido resolvidas pelas Rainhas dos Territórios. Esta noite, todas as cadeiras estavam ocupadas, exceto aquela ao lado da de Andulvar.

Mas o ocupante da cadeira também estava ali, aguardando pacientemente a resposta do Conselho no círculo do peticionário. Era um homem moreno, de olhos dourados, com longos e densos cabelos negros, já grisalhos nas têmporas. Ao vê-lo apoiado na elegante bengala de ponta prateada, alguém poderia pensar tratar-se de um belo macho dos Sangue no final de seu apogeu. As longas unhas pintadas de preto e o anel com uma Joia Negra na mão direita afirmavam o contrário.

A Primeira Tribuna pigarreou baixinho.

— Príncipe Saetan Daemon SaDiablo, o senhor se apresenta neste Conselho para solicitar a tutela da menor Jaenelle Angelline. Mas, contrariando o costume numa disputa dos Sangue, não nos forneceu as informações necessárias para que contactássemos a família da menina, de modo que esta pudesse falar em sua própria defesa.

— Eles não querem a criança — foi a resposta serena. — Eu quero.

— Temos apenas a sua palavra a esse respeito, Senhor Supremo.

Tolas, pensou Andulvar, observando o movimento quase imperceptível do peito de Saetan.

A Primeira Tribuna prosseguiu.

— O aspecto mais inquietante desta petição é o fato de o senhor ser um Guardião, um morto-vivo, e ainda assim pretender que coloquemos o bem-estar de uma criança viva em suas mãos.

— Não é uma criança qualquer, Tribuna. É *esta* criança.

A Primeira Tribuna mudou de posição na cadeira, aparentando desconforto. Varreu com os olhos os assentos dispostos em degraus em ambos os lados do amplo aposento.

— Devido às... circunstâncias... incomuns, a decisão terá de ser unânime. Compreende?

— Compreendo, Tribuna. Compreendo muito bem.

A Primeira Tribuna voltou a pigarrear.

— Procederemos de imediato à votação relativa à petição de Saetan Daemon SaDiablo solicitando a tutela da menor Jaenelle Angelline. Quem vota contra?

Algumas mãos se levantaram, e Andulvar estremeceu diante do olhar estranho e vítreo nos olhos de Saetan.

Após a contagem dos votos, ninguém falou, ninguém se moveu.

— Repitam a votação — disse Saetan, com uma afabilidade exagerada.

Não obtendo resposta da Primeira Tribuna, a Segunda Tribuna tocou-lhe o braço. Em segundos, nada restava na cadeira da Primeira Tribuna a não ser um montículo de cinzas e uma toga de seda preta.

Mãe Noite, pensou Andulvar ao ver a desintegração de tribuna após tribuna que havia se oposto. *Mãe Noite*.

— Repitam a votação — proferiu Saetan, exageradamente delicado.

Dessa vez foi unânime.

A Segunda Tribuna esfregou o peito com os dedos.

— Príncipe Saetan Daemon SaDiablo, o Conselho aqui reunido lhe outorga todos os direitos paternais...

— Parentais. Todos os direitos *parentais*.

— ...todos os direitos parentais relativos à menor Jaenelle Angelline, a partir deste momento e até que ela alcance a maioria ao completar vinte anos.

Assim que Saetan fez uma reverência à Magistrada e iniciou a longa caminhada pela sala, Andulvar se levantou e abriu as enormes portas duplas ao fundo da câmara do Conselho. Suspirou de alívio quando Saetan, apoiando-se na bengala de ponta prateada, passou por ele devagar.

Aquilo não tinha acabado por ali, pensou Andulvar ao fechar as portas

e seguir Saetan. Da próxima vez, o Conselho seria mais sutil na oposição ao Senhor Supremo, mas *haveria* uma próxima vez.

Quando por fim saíram para o ar fresco da noite, Andulvar voltou-se para o amigo de longa data.

— Bem, ela agora é sua.

Saetan levantou o rosto para o céu noturno e fechou os olhos dourados.

— Sim, é minha.



PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO UM

1 / Terreille

Cercado por guardas, o mestiço Lucivar Yaslana, Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra, dirigiu-se ao pátio, certo de que ouviria a ordem para a sua execução. Não havia qualquer outro motivo para que um escravo das minas de sal fosse trazido àquele lugar, e Zuultah, a Rainha de Pruul, tinha bons motivos razões para querê-lo morto. Prythian, a Sacerdotisa Suprema de Askavi, desejava mantê-lo vivo, na esperança de que ainda conseguisse transformá-lo num reprodutor. Mas não era Prythian quem estava no pátio ao lado de Zuultah.

Era Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema de Hayll.

Lucivar abriu as asas negras e membranosas em toda a sua envergadura, aproveitando a brisa do deserto para secá-las.

Lady Zuultah olhou de relance para o Mestre da Guarda. Logo em seguida, o chicote deste assobiou pelo ar, penetrando profundamente nas costas de Lucivar.

Lucivar silvou por entre os dentes cerrados e fechou as asas.

— Qualquer outro ato de provocação vai lhe custar cinquenta chicotadas — disse Zuultah com rispidez e, em seguida, virou-se para falar com Dorothea SaDiablo em voz baixa.

O que estariam tramando?, perguntou-se Lucivar. O que teria feito Dorothea deixar seu covil em Hayll? E quem seria o irritado Príncipe de Joia Verde afastado das mulheres, segurando um tecido dobrado?

Enviando cautelosamente uma sonda psíquica, Lucivar detectou todos os odores emocionais. Em Zuultah havia entusiasmo e a maldade de hábito. De Dorothea emanava ansiedade e medo. Sob a raiva do Príncipe desconhecido havia sofrimento e culpa.

O medo de Dorothea era o mais interessante, uma vez que significava que Daemon Sadi ainda não tinha sido recapturado.

Um sorriso cruel e satisfeito torceu os lábios de Lucivar.

Reparando no sorriso, o Príncipe de Joia Verde tornou-se agressivo.

— Estamos perdendo tempo — disse bruscamente, dando um passo na direção de Lucivar.

Dorothea voltou-se para eles.

— Príncipe Alexander, estes assuntos têm de ser tr...

Philip Alexander desdobrou o pedaço de tecido.

Lucivar olhou com assombro para o lençol manchado. Tanto sangue. Sangue demais. O sangue era o rio que corria — e o fio psíquico. Se enviasse uma sonda psíquica e tocasse aquela mancha...

Algo em seu íntimo se aquietou e tornou-se frágil.

Lucivar forçou-se a retribuir o olhar fixo e hostil de Philip Alexander.

— Há uma semana, Daemon Sadi raptou minha sobrinha de doze anos e levou-a para o Altar de Cassandra, onde a violou e a esquartejou. — Philip moveu os pulsos, fazendo com que o lençol balançasse.

Lucivar engoliu em seco, tentando conter a náusea. Balançou a cabeça lentamente.

— Isso é impossível — disse, mais para si mesmo do que para Philip. — Ele não seria capaz... Nunca foi capaz de fazer uma coisa dessas.

— Talvez antes não houvesse sangue suficiente — retrucou Philip. — Este sangue é de Jaenelle e Sadi foi reconhecido pelos Senhores da Guerra que tentaram socorrê-la.

Lucivar virou-se com relutância para Dorothea.

— Tem certeza?

— Me disseram, infelizmente, tarde demais, que Sadi desenvolveu um interesse anormal pela criança. — Dorothea deu de ombros ligeiramente, com um gesto elegante. — Talvez tenha ficado ofendido quando ela tentou se esquivar. Você sabe tão bem quanto eu do que é capaz quando está enfurecido.

— Encontraram o corpo?

Dorothea hesitou.

— Não. Isto foi tudo que os Senhores da Guerra encontraram — apontou para o lençol. — Mas não precisa acreditar em mim. Vejamos se tem estômago para aguentar o que aquele sangue encerra.

Lucivar respirou fundo. A vagabunda estava mentindo. *Sem dúvida* estava mentindo. Porque, doces Trevas, se não estivesse...

Haviam oferecido a Daemon sua liberdade caso assassinasse Jaenelle. Ele recusara — ou pelo menos foi o que disse. Mas e se fosse mentira?

Logo depois de abrir a mente e tocar no lençol manchado de sangue, Lucivar caiu de joelhos e pôs para fora o parco café da manhã que havia tomado uma hora antes. Tremia, e, ao mesmo tempo, alguma coisa no seu íntimo se quebrava.

Maldito Sadi. Maldita seja sua alma nas entranhas do Inferno. Era uma *criança!* O que poderia ter feito para merecer tal coisa? Era a Feiticeira, o mito vivo. Era a Rainha a quem tinham sonhado servir. Era a sua gatinha assanhada. *Maldito seja, Sadi!*

Os guardas levantaram Lucivar.

— Onde está ele? — questionou Philip Alexander.

Lucivar fechou os olhos dourados para não ter de olhar para o lençol. Nunca se sentira tão abatido, tão exausto. Nem quando era um rapaz mestiço nos campos de caça eyrienos, nem nas intermináveis cortes onde, desde então, tinha servido ao longo dos séculos, nem mesmo aqui em Pruul, como um dos escravos de Zuultah.

— Onde ele está? — Philip voltou a perguntar.

Lucivar abriu os olhos.

— Em nome do Inferno, como é que eu vou saber?

— Quando os Senhores da Guerra perderam seu rasto, Sadi estava vindo para sudeste... em direção a Pruul. Sabe-se que...

— Ele não viria para cá. — Aquilo que se quebrara no seu íntimo começou a se inflamar. — Não se atreveria.

Dorothea SaDiablo dirigiu-se a Lucivar.

— Por que não? Vocês ajudaram um ao outro no passado. Não há qualquer razão...

— Existe uma razão — disse Lucivar ferozmente. — Se eu vir aquele desgraçado de novo vou lhe arrancar o coração!

Dorothea recuou, abalada. Zuultah observava-o com cautela.

Philip Alexander baixou os braços devagar.

— Foi declarado potencialmente perigoso. Sua cabeça está a prêmio. Quando for encontrado...

— Ele será punido — interrompeu Dorothea.

— Será executado! — respondeu Philip acaloradamente.

Seguiu-se um momento de silêncio pesado.

— Príncipe Alexander — ronronou Dorothea —, até os habitantes de Chaillot deveriam saber que, entre os Sangue, não existe qualquer lei que proíba o homicídio. Se você não teve bom-senso suficiente para evitar que uma criança emocionalmente perturbada brincasse com um Príncipe dos

Senhores da Guerra da índole de Sadi... — Deu de ombros delicadamente.
— Bem, talvez a criança tenha tido o que merecia.

Philip empalideceu.

— Ela era uma boa menina — disse, mas a voz estremeceu com uma insinuação de dúvida.

— Sim — ronronou Dorothea. — Uma boa menina. Tão boa que a família de tempos em tempos a mandava para longe, para ser... reeducada.

Criança emocionalmente perturbada. As palavras eram um fole que atiçava o fogo em Lucivar, transformando-o em raiva gélida. Criança emocionalmente perturbada. *Fique longe de mim, Bastardo. É melhor ficar longe de mim, pois, se tiver oportunidade, corto você em pedacinhos.*

Em certo momento, Zuultah, Dorothea e Philip retiraram-se a fim de prosseguir a discussão nos recessos mais frescos da casa de Zuultah. Lucivar não reparou. Quase nem se deu conta de estar sendo levado para as minas de sal, mal notou a picareta nas mãos, quase nem sentiu a dor quando o suor escorreu para a nova ferida de chicote nas costas.

Tudo o que via era o lençol manchado de sangue.

Lucivar bateu com a picareta.

Mentiroso.

Não via a parede nem o sal. Via o peito moreno e dourado de Daemon, via o coração batendo sob a pele.

Melífluu... educado na corte... *mentiroso!*

2 / Inferno

Andulvar sentou-se de lado num canto da grande mesa de madeira escura.

Saetan levantou os olhos da carta que estava escrevendo.

— Achei que ia voltar para o seu ninho na colina.

— Mudei de ideia. — O olhar de Andulvar vagueou pelo escritório, detendo-se, por fim, no retrato de Cassandra, a Rainha de Joia Negra que caminhara nos Reinos havia mais de 50 mil anos. Cinco anos antes, Saetan tinha descoberto que Cassandra forjara a derradeira morte e que havia se tornado uma Guardiã a fim de aguardar a Feiticeira seguinte.

E vejam só o que aconteceu à Feiticeira seguinte, pensou Andulvar desanimado. Jaenelle Angelline era uma criança poderosa e extraordinária, mas,

ainda assim, tão vulnerável como qualquer outra criança. Todo aquele poder não tinha impedido que fosse esmagada por segredos de família sobre os quais Andulvar e Saetan podiam apenas conjecturar, assim como pelas maquinações maldosas de Dorothea e de Hekatah com o objetivo de eliminar a única rival que poderia pôr fim ao jugo que exerciam no Reino de Terreille. Ele não tinha dúvida de que eram elas que estavam por trás da brutalidade que havia levado o espírito de Jaenelle a abandonar o corpo.

Tarde demais para evitar a violação, uma amiga conseguiu resgatar Jaenelle e levou-a para o Altar de Cassandra. Foi então que Daemon Sadi, auxiliado por Saetan, conseguiu fazer com que a menina saísse do abismo psíquico por tempo suficiente para curar os próprios ferimentos físicos. Contudo, quando os Senhores da Guerra de Chaillot chegaram para “resgatá-la”, ela entrou em pânico e fugiu novamente para o abismo.

Seu corpo se recuperava lentamente, mas só as Trevas sabiam onde estava o seu espírito — ou se algum dia regressaria.

Afastando tais pensamentos, Andulvar olhou para Saetan, respirou fundo e expirou devagar.

— É a sua carta de demissão do Conselho das Trevas?

— Já devia ter feito isso há muito tempo.

— Você sempre insistiu que era bom ter alguns demônios-mortos a serviço do Conselho, porque eles possuíam experiência mas nenhum interesse pessoal nas decisões.

— Bem, o meu interesse nas decisões do Conselho é bastante pessoal agora, não é? — Depois de assinar o nome com o floreado habitual, Saetan pôs a carta num envelope e selou-o com cera preta. — Pode entregar a carta para mim?

Andulvar recebeu o envelope com relutância.

— E se o Conselho das Trevas decidir procurar a família dela?

Saetan recostou-se na cadeira.

— O Conselho das Trevas não se reúne em Terreille desde a última guerra entre os Reinos. Não existe qualquer razão para o Conselho de Kaeleer procurar fora dos limites do Reino das Sombras.

— Se verificarem os registros de Ebon Askavi, vão descobrir que não nasceu em Kaeleer.

— Como bibliotecário da Fortaleza, Geoffrey já concordou em não encontrar qualquer entrada de grande utilidade que possa levar a Chaillot. Além do mais, Jaenelle nunca foi registrada; o que não vai acontecer até que exista uma razão para isso.

— Você vai ficar na Fortaleza?

— Sim.

— Até quando?

Saetan hesitou.

— Até quando for preciso. — Ao ver que Andulvar não fazia menção de sair, perguntou: — Mais alguma coisa?

Andulvar fixou os olhos na elegante caligrafia masculina na parte da frente do envelope.

— Há um demônio lá em cima na recepção que solicitou uma audiência com você. Diz que é importante.

Saetan levantou-se, empurrando a cadeira para trás e pegou a bengala.

— Todos dizem isso quando têm coragem suficiente para vir aqui. Quem é ele?

— Nunca o vi antes — disse Andulvar. Em seguida, acrescentou com relutância:

— É novo no Reino das Trevas e é de Hayll.

Saetan contornou a mesa, mancando.

— O que quer comigo então? Há setecentos anos que não tenho nada a ver com Hayll.

— Ele não quis revelar a razão da visita. — Andulvar fez uma pausa. — Não gosto dele.

— É claro — retrucou Saetan com frieza. — É haylliano.

Andulvar balançou a cabeça.

— É mais do que isso. Parece estar apodrecendo.

Saetan ficou imóvel.

— Nesse caso, vamos lá falar com o nosso Irmão haylliano — disse, com uma docilidade maldosa.

Andulvar não conseguiu reprimir o arrepio que o percorreu da cabeça aos pés. Felizmente, Saetan já estava a caminho da porta e não reparou. Eram amigos havia milhares de anos, tinham servido juntos, rido juntos, sofrido juntos. Andulvar não queria ofendê-lo só porque, às vezes, até mesmo os amigos temiam o Senhor Supremo do Inferno.

Porém, quando Saetan abriu a porta e olhou para ele, Andulvar vislumbrou nos seus olhos o faiscar de raiva diante do arrepio. E o Senhor Supremo saiu do escritório ao encontro do tolo que o aguardava.

...

O Senhor da Guerra haylliano, demônio-morto havia pouco tempo, aguardava em pé no centro da sala de recepção, com as mãos atrás das costas. Estava todo vestido de preto, incluindo um lenço de seda preta enrolado no pescoço.

— Senhor Supremo — disse, com uma reverência respeitosa.

— Não conhece sequer as reverências mais básicas ao se aproximar de um Senhor da Guerra desconhecido? — perguntou Saetan com toda a calma.

— Senhor Supremo? — balbuciou o homem.

— Um homem deixa as mãos à mostra, a menos que esconda uma arma — explicou Andulvar ao entrar na sala. Abriu as asas negras, bloqueando a porta por completo.

Como um relâmpago, a fúria surgiu no rosto do Senhor da Guerra e logo desapareceu. Ele estendeu os braços à sua frente.

— As minhas mãos não têm grande utilidade.

Saetan olhou de relance para as mãos cobertas por luvas pretas. A direita não passava de uma garra distorcida. Na esquerda, faltava um dedo.

— Como se chama?

O Senhor da Guerra hesitou por um momento demasiado longo.

— Greer, Senhor Supremo.

Até mesmo o nome do homem conspurcava o ar de alguma forma. Não, não era apenas o homem, embora o fedor de carne em decomposição só fosse desaparecer dentro de algumas semanas. Havia algo mais. O olhar de Saetan foi atraído para o lenço de seda preta. Suas narinas dilataram-se ao sentir o odor do qual se recordava com demasiada clareza. Pois bem. Hekatah ainda apreciava aquele perfume.

— O que quer, Senhor Greer? — perguntou Saetan, já sabendo por que Hekatah enviaria alguém para vê-lo. Esforçou-se por ocultar a raiva gélida que ardia no seu interior.

Greer fitou o chão.

— Eu... gostaria de saber se tem notícias da jovem feiticeira.

A sala ficou tão agradavelmente gelada, tão encantadoramente sombria. Bastaria um único pensamento, um simples ataque com a mente, um leve toque da força da Joia Negra, e aquele Senhor da Guerra seria reduzido a pó.

— Eu governo o Inferno, Greer — afirmou Saetan com falsa delicadeza. — Por que deveria me preocupar com uma feiticeira haylliana, jovem ou não?

— Ela não era de Hayll. — Greer hesitou. — Pensei que fosse sua amiga.

Saetan ergueu uma sobrancelha.

— Minha amiga?

Greer umedeceu os lábios. As palavras saíram numa torrente.

— Fui destacado para a embaixada haylliana em Beldon Mor, a capital de Chaillot, e tive o privilégio de conhecer Jaenelle. Quando os problemas começaram, traí a confiança da Sacerdotisa Suprema de Hayll e ajudei Daemon Sadi a levar a menina para um local seguro. — A mão esquerda remexia no lenço em volta do pescoço, e por fim o retirou. — Esta foi a minha recompensa.

Canalha mentiroso, pensou Saetan. Se não tivesse seus próprios planos para aquela carcaça ambulante, teria rompido a mente de Greer e descoberto o papel que o homem *realmente* desempenhara.

— Conheci a menina — rosnou Saetan ao caminhar em direção à porta.

Greer deu um passo em frente.

— Conheceu? Está...

Saetan deu meia-volta.

— Ela caminha entre as *cildru dyathe!*

Greer fez uma reverência com a cabeça.

— Que as Trevas sejam misericordiosas.

— Saia. — Saetan pôs-se de lado, para evitar contato. Não queria ser maculado pelo homem.

Andulvar fechou as asas e acompanhou Greer até a porta do Paço. Retornou alguns minutos depois, parecendo preocupado. Saetan olhou-o fixamente, já sem se importar se seus olhos deixavam transparecer raiva e ódio.

Andulvar colocou-se numa posição eyriena de combate, com os pés afastados para se equilibrar e as asas ligeiramente abertas.

— Você sabe que essa declaração vai se espalhar pelo Inferno mais rápido do que o cheiro de sangue fresco.

Saetan agarrou a bengala com as duas mãos.

— Estou me lixando para isso, contanto que o canalha repasse a informação à vagabunda que o mandou aqui.

— Ele disse isso? Disse mesmo isso?

Afundado na única cadeira da sala, Greer acenou pensosamente em sinal afirmativo.

Hekatah, a autoproclamada Sacerdotisa Suprema do Inferno, ziguezagueava pela sala, os longos cabelos negros esvoaçando quando se virava.

Era ainda melhor do que a destruição pura e simples da criança. Agora, com a mente destroçada e o corpo despedaçado e sem vida, a menina representaria uma faca invisível no peito de Saetan, sempre a se retorcer, um lembrete constante de que ele não era o único poder a enfrentar.

Hekatah parou de andar de um lado para outro, inclinou a cabeça para trás e levantou os braços em sinal de triunfo.

— Ela caminha entre as *cildru dyathe*!

Deixando-se cair no chão em um movimento gracioso, encostou-se num braço da cadeira de Greer e afagou suavemente sua face.

— E você, meu querido, foi o responsável por isso. Ela agora já não tem qualquer utilidade para ele.

— E também já não tem qualquer utilidade para você, Sacerdotisa.

Hekatah fez um beicinho provocante, com os olhos dourados cintilando de malícia.

— Já não tem utilidade para os meus planos originais, mas será uma arma magnífica contra aquele filho da puta.

Ao reparar na expressão vazia de Greer, Hekatah levantou-se, sacudindo a poeira do vestido ao mesmo tempo que emitia um silvo de irritação.

— O seu corpo está morto, mas a sua mente, não. Tente pensar, meu querido Greer. Quem mais estava interessado na criança?

Greer levantou-se e, lentamente, sorriu.

— Daemon Sadi.

— Daemon Sadi — concordou Hekatah com arrogância. — Acha que ele ficará feliz ao descobrir que a sua queridinha está tão completamente morta? E, com uma ajudinha, quem acha que ele culpará pela sua partida do reino dos vivos? Pense só como será divertido instigar o filho contra o pai. E se destruírem um ao outro... — Hekatah abriu bem os braços —, o Inferno voltará a se fragmentar e aqueles que sempre rezearam desafiá-lo vão se reunir à minha volta. Com a ajuda da força dos demônios-mortos, Terreille finalmente vai se ajoelhar perante mim como a Sacerdotisa Suprema, como poderia ter acontecido há tantos e tantos séculos atrás se aquele canalha não tivesse frustrado meus planos.

Olhou em volta da pequena sala, quase vazia, com expressão de nojo.

— Assim que ele desaparecer, viverei outra vez no esplendor que me é de direito. E você, meu leal querido, servirá a meu lado. Mas venha — chamou, guiando-o para outro pequeno recinto. — Compreendo que a morte do corpo seja um choque...

Greer olhou para o menino e a menina que se encolhiam de medo num monte de feno.

— Somos demônios, Greer — afirmou Hekatah, afagando-lhe o braço. — Precisamos de sangue fresco e quente. É assim que fortalecemos a carne morta. E, embora outros prazeres carnavais não sejam mais possíveis, existem compensações.

Hekatak curvou-se sobre ele, os lábios próximos à orelha de Greer.

— Crianças plebeias. As dos Sangue são melhores, porém mais difíceis de aparecer. Mas jantar uma criança plebeia também tem as suas vantagens.

Greer respirava rapidamente, como se estivesse sem ar.

— Uma linda menininha, não acha, Greer? Ao primeiro toque psíquico a mente dela será reduzida a cinzas, mas as emoções primitivas permanecerão... por tempo suficiente... e o medo é uma refeição deliciosa.

3 / Terreille

Você é meu instrumento.

Daemon Sadi revirava-se na pequena cama que tinha sido instalada num dos depósitos no subterrâneo da casa da Lua Vermelha de Deje.

... *you are my instrument*... viajando nos Ventos para o Altar de Cassandra... Surreal já ali, chorando... Cassandra, zangada... tanto sangue... as mãos dele cobertas com o sangue de Jaenelle... descendo até o abismo... caindo, gritando... uma criança que não é criança... uma cama estreita com correias para prender mãos e pés... uma cama suntuosa com lençóis de seda... a pedra gelada do Altar das Trevas... velas negras...velas perfumadas... os gritos de uma criança... a língua dele a lambar um pequeno chifre espiralado... o seu corpo imobilizando o dela contra a pedra gelada enquanto ela lutava e gritava... implorando a ela que o perdoasse... mas o que ele tinha feito?... longos cabelos louros... os dedos percorrendo uma cauda de corça... uma cama estreita com lençóis de seda... uma cama elegante com correias... *perdoe-me, perdoe-me*... o seu corpo sobre o dela, prendendo-a... o que ele tinha feito?... a cólera de Cassandra caindo sobre ele... estaria a salvo?... estaria bem?... uma cama de pedra elegante... lençóis de seda com correias... os gritos de uma criança... tanto sangue... *you are my instrument*... *perdoe-me, perdoe-me*... O QUE ELE TINHA FEITO?

Surreal encostou-se na parede, ouvindo o choro abafado de Daemon. Quem diria que o Sádico era tão vulnerável? Tanto ela como Deje tinham conhecimentos básicos de Arte medicinal suficientes para curar seu corpo, mas nenhuma das duas sabia como reparar as feridas mentais e emocionais. Em vez de se recuperar, ele estava ficando cada vez mais fraco, mais vulnerável.

Nos primeiros dias depois de ser trazido para este lugar, Daemon perguntava constantemente o que tinha acontecido. Mas Surreal podia apenas lhe dizer aquilo que sabia.

Com a ajuda da garota demônia-morta chamada Rose, ela entrara em Briarwood, matara o Senhor da Guerra que havia violado Jaenelle e, depois, levava Jaenelle para o Altar de Cassandra. Daemon juntou-se a elas no Santuário. Cassandra também estava presente. Daemon ordenou que se retirassem da sala do Altar para que tentasse trazer o Eu de Jaenelle de volta ao corpo, tarefa que exigia privacidade. Surreal usou esse tempo para preparar armadilhas dirigidas à “equipe de salvamento” de Briarwood. À chegada dos machos, tentou detê-los enquanto pôde. Quando se retirou para a sala do Altar, Cassandra e Jaenelle já tinham desaparecido e Daemon mal conseguia ficar de pé. Tinham então viajado pelos Ventos de volta a Beldon Mor, onde passaram as últimas três semanas escondidos na casa da Lua Vermelha de Deje.

Era tudo o que podia lhe dizer. Não era o que Daemon precisava ouvir. Não podia lhe dizer que salvara Jaenelle. Não podia lhe dizer que a menina estava sã e salva. E parecia que, quanto mais ele tentava se lembrar, mais fragmentadas ficavam as suas memórias. Entretanto, ainda possuía a força das Joias Negras, ainda possuía a capacidade para libertar todo aquele poder negro. Se perdesse aquela débil ligação com o equilíbrio mental...

Surreal virou-se ao ouvir o ruído de passadas furtivas nas escadas no final do corredor escuro. Os soluços por trás da porta fechada cessaram.

Com movimentos rápidos e silenciosos, Surreal encurralou a mulher no final das escadas.

— O que você quer, Deje?

Os pratos na bandeja que a mulher carregava tilintaram. Deje estava tremendo.

— Eu... pensei... — Ergueu a bandeja como explicação. — Sanduíches. Chá. Eu...

Surreal franziu as sobrancelhas. Por que Deje olhava fixamente para seus seios? Não era o olhar de uma matrona eficiente avaliando uma das moças. E por que estaria tremendo daquele jeito?

Surreal olhou para baixo. Viu que segurava o seu punhal favorito, com a ponta pousada na Joia Cinza que pendia da corrente de ouro por cima dos seus seios. Não tinha percebido ter invocado o punhal ou a Cinza. Ficara aborrecida pela intromissão, mas...

Surreal fez desaparecer o punhal, ajeitou a blusa de maneira a esconder a Joia e retirou a bandeja das mãos de Deje.

— Desculpe. Estou um pouco nervosa.

— A Cinza — murmurou Deje. — Você usa a Cinza.

Surreal ficou tensa.

— Mas não quando estou trabalhando numa casa da Lua Vermelha.

Deje pareceu não ouvir.

— Não sabia que era assim tão forte.

Surreal passou o peso da bandeja para a mão esquerda e deixou cair a mão direita, descontraidamente, envolvendo o punhal reconfortante. Se tivesse de ser feito, seria de forma rápida e perfeita. Deje merecia.

Observou o rosto de Deje enquanto ela reorganizava mentalmente os fragmentos de informação que possuía sobre uma prostituta chamada Surreal, que era, ao mesmo tempo, uma assassina. Por fim, quando Deje olhou para ela, seus olhos evidenciavam respeito e satisfação sombria.

Depois, Deje olhou para a bandeja e franziu a sobrancelha.

— É melhor usar um feitiço de aquecimento nesse chá ou não estará bom para beber.

— Eu cuido disso — disse Surreal.

Deje começou a subir as escadas.

— Deje — disse Surreal baixinho. — Eu realmente pago as minhas dívidas.

Deje sorriu perspicazmente e acenou com a cabeça, indicando a bandeja.

— Tente fazer com que coma. Ele precisa recuperar as forças.

Surreal aguardou até ouvir a porta se fechar no alto da escada antes de voltar ao depósito que abrigava, talvez agora mais do que nunca, o Príncipe dos Senhores da Guerra mais perigoso do Reino.

Mais tarde nessa noite, Surreal abriu a porta do depósito sem bater, detendo-se de imediato.

— Em nome do Inferno, o que você está fazendo?

Daemon ergueu os olhos por um breve instante antes de amarrar o outro sapato.

— Estou me vestindo. — Sua voz profunda e culta estava mais rouca do que o habitual.

— Você enlouqueceu? — Surreal mordeu o lábio, arrependendo-se por ter dito aquela palavra.

— É provável. — Daemon abotoou os botões de rubi no punho da camisa de seda branca. — Preciso descobrir o que aconteceu, Surreal. Preciso encontrá-la.

Exasperada, Surreal passou os dedos pelo cabelo.

— Você não pode sair no meio da noite. Além disso, lá fora está um frio de rachar.

— No meio da noite é a melhor hora, não acha? — argumentou Daemon calmo demais, enfiando o casaco preto.

— Não, não acho. Aguarde pelo menos até o amanhecer.

— Sou haylliano. Estamos em Chaillot. Chamaria um pouco a atenção à luz do dia. — Daemon olhou ao redor do pequeno quarto vazio, deu de ombros com indiferença e retirou um pente do bolso do casaco, passando-o pelo espesso cabelo negro. Quando terminou, enfiou as mãos elegantes e de unhas compridas nos bolsos das calças e ergueu a sobancelha como se perguntasse: que tal?

Surreal examinou o corpo alto, elegante e musculoso vestido em um terno preto perfeitamente cortado. A pele morena e dourada de Sadi estava pálida de cansaço, o rosto tinha um aspecto perturbado e a pele ao redor dos olhos dourados estava inchada. Mesmo assim, era mais bonito do que deveria ser permitido a um homem.

— Você parece péssimo — disse ríspidamente.

Daemon estremeceu, como se a raiva de Surreal o tivesse atingido. Tentou, em seguida, esboçar um sorriso.

— Não pense que vou mudar de ideia por causa de elogios, Surreal.

Surreal cerrou os punhos. A única coisa que tinha para arremessar era a bandeja com o chá e os sanduíches. Ao ver a xícara limpa e a comida intacta, perdeu a calma.

— Seu idiota, você não comeu nada!

— Abaixei a voz, a menos que queira que todo mundo fique sabendo que estou aqui.

Surreal pôs-se a andar de um lado para o outro, proferindo entre dentes todos os palavrões que conhecia.

— Não chore, Surreal.

Envolveu-a com os braços, e sob a sua face sentiu a seda fresca.

— Não estou chorando — retrucou ela, engolindo um soluço.

Sentiu, mais do que ouviu, o riso abafado dele.

— O erro foi meu. — Os lábios de Daemon roçaram o cabelo de Surreal antes de ele se afastar dela.

Surreal fungou audivelmente, enxugou os olhos na manga e afastou o cabelo do rosto.

— Você ainda não está forte o suficiente, Daemon.

— Só ficarei melhor quando a encontrar — disse ele baixinho.

— Sabe abrir os Portões? — perguntou. Referia-se aos treze lugares de poder que ligavam os Reinos de Terreille, de Kaeleer e do Inferno.

— Não. Mas encontrarei alguém que saiba. — Daemon respirou fundo. — Ouça, Surreal, e ouça com atenção. Em todo o Reino de Terreille são poucas as pessoas que de alguma forma podem ligar você a mim. Esforcei-me para que fosse assim. Portanto, a menos que suba no telhado e anuncie aos gritos, ninguém em Beldon Mor terá razões para desconfiar de você. Seja discreta. Controle esse mau humor. Você fez mais do que o suficiente. Não se envolva mais, pois não estarei por perto para ajudá-la.

Surreal engoliu com dificuldade.

— Daemon... você foi declarado potencialmente perigoso. Foi oferecida uma recompensa por sua cabeça.

— Eu não esperaria nada diferente depois de ter partido o Anel de Obediência.

Surreal hesitou.

— Tem certeza de que Cassandra levou Jaenelle para um dos outros Reinos?

— Sim, tenho certeza — disse, com ternura e tristeza.

— Então você vai encontrar uma Sacerdotisa que saiba abrir os Portões e ir atrás delas.

— Sim. Mas antes preciso resolver algo.

— Não é o melhor momento para fazer visitas sociais — afirmou Surreal com ironia.

— Não é bem uma visita social. Dorothea não poderá usar você contra mim porque não sabe da sua existência. Mas sabe dele e já o usou antes. Não lhe darei essa oportunidade. De resto, apesar de toda a sua arrogância e temperamento, ele é um excelente Príncipe dos Senhores da Guerra.

Cansada, Surreal encostou-se na parede.

— O que você vai fazer?

Daemon hesitou.

— Vou tirar Lucivar de Pruul.

4 / Kaeleer

Saetan surgiu na pequena teia de desembarque entalhada no chão de pedra de um dos vários pátios externos da Fortaleza. Ao desembarcar, olhou para cima.

A menos que se soubesse o que procurar, via-se apenas a montanha negra de Ebon Askavi, só se sentia o peso de toda aquela pedra escura. Mas Ebon Askavi era também a Fortaleza, o Santuário da Feiticeira, o arquivo da extensa história dos Sangue. Um local fortemente guardado. O lugar ideal para um segredo.

Maldita Hekatah, pensava com amargura ao atravessar o pátio devagar, com a ajuda da bengala. *Maldita seja, Hekatah e suas intrigas pelo poder. Puta gananciosa e maligna*. No passado evitara intervir, por achar que estava em dívida com ela, que havia dado à luz seus dois primeiros filhos. Mas essa dívida já estava paga. Mais do que paga. Agora, sacrificaria a honra, o respeito por si próprio e o que mais fosse necessário se esse fosse o preço a pagar para detê-la.

— Saetan.

Geoffrey, o historiador e bibliotecário da Fortaleza, saiu da sombra da entrada. Como sempre, suas roupas eram impecáveis, uma túnica e calças pretas elegantes, sem acessórios à exceção do anel com a Joia Vermelha. Como sempre, o cabelo estava cuidadosamente penteado para trás, chamando a atenção para o bico de viúva. No entanto, seus olhos negros pareciam pequenos pedaços de carvão em vez de pedras bem polidas.

Enquanto Saetan caminhava na sua direção, as sobrelhas negras de Geoffrey foram ficando mais arqueadas.